

6.

Considerações finais

O principal intuito desta tese era discutir a “interpretação” e a “descrição” na AD refletindo sobre a propensão dos estudiosos, audiodescritores e público-alvo a ver negativamente o uso de qualificativos como adjetivos e advérbios, considerando-os formas interpretativas. A *interpretação* ainda gera polêmica tanto entre pesquisadores, como audiodescritores e público alvo.

Para adentrar nesse debate, primeiramente passamos em revista a história e principais características desse recurso de tecnologia assistiva, na medida em que para aprofundar a discussão era necessário além do mapeamento dos pontos de vistas acerca do tema, o conhecimento das características que contribuíram para tal forma de pensar. Pretendemos com essa investigação, contribuir para a sedimentação desse novo campo aqui no Brasil.

Considera-se que a primeira AD foi realizada em 1981, em um teatro dos Estados Unidos. A partir de então, essa prática vem ganhando espaço em diferentes lugares, sendo gradativamente reconhecida como uma profissão e adquirindo alguma regulamentação. Ela tornou-se objeto de pesquisa a partir dos anos 1990. A chegada desse recurso em nosso país ocorreu quase duas décadas depois do primeiro evento nos Estados Unidos; a regulamentação da profissão se iniciou em 2013 e na academia os estudos começaram em 2004. Assim sendo, estamos completando somente uma década de estudos nessa área no Brasil.

Como se pode perceber ainda há muito a ser feito, apesar dos vários avanços. O aumento da oferta de produtos audiovisuais audiodescritos em comparação com a primeira metade da década desse recurso em nosso país e a obrigatoriedade imposta pela legislação a TV podem ser vistos como aspectos positivos, mas não como grandes avanços. A falta de acesso a conteúdos com AD é uma grande barreira ainda a ser ultrapassada e o embate jurídico para ampliação da quantidade de horas de AD na TV revela o descaso das instituições que cumprem a lei, mas que veem o recurso como gasto e não como direito de acesso ou ampliação de público.

Além disso, esse recurso de tecnologia assistiva ainda não é conhecido o suficiente nem pelo próprio público-alvo nem pela sociedade em geral, o que

mostra a necessidade de campanhas de divulgação. Assim, a AD poderia ser melhor compreendida não apenas pelo grupo ao qual se destina, mas também ser reconhecida em sua versatilidade. Seria interessante investigar, por exemplo, o seu uso para o aprendizado de língua estrangeira, para a ampliação de vocabulário dos estudantes, entre outros.

O enfoque desta investigação foi estudar a relação entre “descrição” e “interpretação”, em duas dimensões — empírica e teórica — que se articulam e não são desvinculáveis. Assim sendo, procuramos testar as conclusões teóricas em um contexto empírico de informações estritamente visuais. Refletimos sobre as características da AD que podem ser mais adequadas aos nossos públicos, enfocando, principalmente, a AD de gestos (emotivos, substitutivos e divergentes) e o uso de adjetivos e de advérbios.

Foi possível demonstrar que a busca pela objetividade e neutralidade, com as quais o audiodescritor descreveria seu objeto, está fadada à frustração. Vale lembrar que tampouco deve-se acreditar na ideia de uma criação livre, desprovida de historicidade e de certas limitações provenientes das diversas instâncias e sujeitos que perpassam o produto audiodescrito – como roteiro, direção e as pausas entre as falas. Assim como não é possível impedir que o audiodescritor exponha, em alguma medida, suas inferências, é importante que se debatam limites da interpretação, não necessariamente para evitá-la, mas para estabelecer parâmetros e definir o que será ou não aceitável em nossas práticas. Procuramos, portanto, enriquecer a discussão sobre o que é almejado e que é possível na prática da AD, tendo em vista uma melhor organização deste campo ainda novo.

Procuramos ressaltar a importância e a necessidade dos audiodescritores conhecerem conceitos como “inferência”, “explicitação”, “coerência local” e “coerência global”, acreditando que a familiaridade com a linguagem do audiovisual, no nosso caso a linguagem cinematográfica, possa levar a elaboração de roteiros mais consistentes e melhorar a reconstrução da narrativa fílmica na AD.

Após a reflexão teórica, foi elaborada a pesquisa de recepção a partir das conclusões acima mencionadas. É importante lembrar que esta pesquisa de recepção foi qualitativa e, assim sendo, procurou-se investigar as motivações dos entrevistados para suas escolhas. As pesquisas qualitativas são feitas com número

reduzido de participantes e exatamente por isso, são mais individualizadas e mais ricas em detalhes.

Apesar de o número de participantes poder parecer pequeno, as pesquisas qualitativas são fundamentais para embasar pesquisas futuras, especialmente, as pesquisas quantitativas, que avaliam, sem procurar saber as motivações, as preferências de uma porcentagem maior da população. Além disso, vale destacar que as pesquisas qualitativas exigem uma preparação minuciosa, contando com várias etapas. Primeiro, para nossa pesquisa de recepção, foram escolhidos os filmes e elaborados os roteiros de entrevista. Esses roteiros foram avaliados por um consultor de AD que sugeriu alterações não só nos roteiros como também na forma como a pesquisa seria aplicada. Após a realização da pesquisa em duas instituições (IBC e ADVERJ), as entrevistas foram transcritas e analisadas. A discriminação das etapas necessárias para a realização da pesquisa de recepção tem o intuito de evidenciar a complexidade e dificuldade inerentes a essa tarefa.

Na pesquisa de recepção, percebemos que os participantes que tinham maior conhecimento sobre a AD tenderam a preferir ADs mais descritivas e os novos usuários optaram mais pelas ADs mais interpretativas. É interessante notar que a pesquisa efetuada em 2008 pelo grupo TRAMAD em um espetáculo de dança chegou a conclusões parecidas. Em nossa pesquisa, em alguns momentos as ADs mais interpretativas foram mais bem-vindas, especialmente no caso dos gestos substitutivos, e, em outros, foram menos aceitáveis, como nos gestos emotivos simples, por exemplo. Percebeu-se também que os adjetivos e advérbios podem gerar insegurança no público, especialmente no mais experiente em AD, mas, ao mesmo tempo, tornam as ADs mais precisas, especialmente para os novos usuários. Chegamos à conclusão de que a forma mais adequada seria a combinação da AD dos movimentos que compõem os gestos com a indicação de possíveis interpretações para eles, a partir do uso de qualificativos. Isso comprova a nossa tese de que o audiodescritor precisa ficar atento às escolhas das palavras de acordo com cada contexto, utilizando-se ora de uma narrativa mais descritiva, ora de uma narrativa mais interpretativa, inclusive no mesmo material audiodescrito. O uso somente dos qualificativos deve se limitar, preferencialmente, no caso de restrição de tempo, uma vez que se evidenciou a importância, para as pessoas com deficiência visual, da imaginação da fisionomia das personagens. Vimos na pesquisa, que especialmente para um dos grupos

(ADVERJ), a imaginação da fisionomia está atrelada à sua audiodescrição. Em outras palavras, apesar de eles acompanharem a trama ao escutarem os qualificativos como “triste”, por exemplo, a fisionomia só é por eles imaginada quando é informado na AD que “os olhos e os cantos da boca estão caídos”.

Sobre as preferências de acordo com o tipo de deficiência visual, apesar de parecer que para cada tipo haveria necessidades específicas, essa ideia não ficou totalmente confirmada na pesquisa de recepção sendo necessários estudos mais específicos e exaustivos para se chegar a conclusões mais precisas. O que podemos afirmar é que as escolhas dos participantes foram mais impactadas por outros elementos, principalmente o conhecimento que tinham sobre esse recurso de acessibilidade. A necessidade de outros estudos mais profundos também foi evidenciada a partir desta pesquisa de recepção como, por exemplo, se a locução da AD deve ser realmente neutra e se o desejo por ADs bem resumidas se restringe aos jovens. Além disso, a pesquisa aqui elaborada merece ser expandida e transformada em quantitativa.

Apesar de ainda existirem vários pontos que precisam ser investigados melhor e de a interpretação provavelmente continuar dividindo profissionais, público-alvo e pesquisadores por muito tempo, consideramos que os resultados aqui obtidos auxiliaram na organização desse novo campo e evidenciaram novos caminhos que ainda precisam ser percorridos.